

Miguel Esteves Cardoso

O AMOR É FODIDO

Prefácio

O amor continua a ser fodido e quem ama continua a foder o amor. E, no entanto, o amor continua. É por isso que nesta reedição da minha amada Porto Editora não mudei uma única palavra. É bom poder dizer, passados estes anos todos, que não tenho nada a subtrair ou a acrescentar.

Este livro é um romance escrito durante anos, como se fosse numa febre. Foi o terceiro romance que escrevi até ao fim e o primeiro que publiquei. Só o entreguei para publicação porque, juvenilmente, queria que o meu primeiro romance saísse antes de eu fazer 40 anos, coisa que viria a acontecer no ano seguinte, 1995.

Lembro-me que algumas livrarias vendiam o livro embrulhado em papel castanho, para que não se identificasse o estabelecimento que o tinha traficado. Mas a maioria, devo dizer, reagiu profissionalmente e vendeu-o bem vendido, sem precisar de se fingir chocada. Nalgumas listas de vendas, porém, o romance aparecia como "O Amor é *****" - que também era um bom título.

M.E.C.



1



Quanto mais vou sabendo de ti, mais gostaria que ainda estivesses viva. Só dois ou três minutos: o suficiente para te matar. Merecias uma morte mais violenta. Se eu soubesse, não te tinha deixado suicidar com aquelas mariquices todas. Aposto que não sentiste quase nada. Não está certo. Eu não morri e sofri mais do que tu. Devias ter sofrido. Porque eras má. Eu pensava que não. Enganaste-me. Alguma vez pensaste no que isso representou na minha vida miserável? Agora apetece-me assassinar-te de verdade. É indecente que já estejas morta.

Quando tomaste os comprimidos sabias que estavas a safar-te. De boa. Confessa. Foi um bom negócio. As pessoas que levaram uma vida como a tua costumam morrer em circunstâncias que deixam muito a desejar. Afogadas em aquários. Estendidas de pernas abertas numa paragem de autocarro, esfaqueadas, sem cerimónias, e estranguladas por uma histérica numa casa de banho. Eu tinha-te dado um tiro. Um tiro limpo nessa cabecinha – o suficiente para te assustar, mas rápido. A doer um bocadinho.

Morreste há quatro anos. Já deves ter apodrecido. Não gosto de pensar assim em ti. Tenho pena. Eras tão vaidosa. Deves estar

linda... Um dia embebedo-me e vou desenterrar-te, só para olhar para a tua cara, ver se é verdade que os cabelos crescem, cheirar-te de perto, tu que cheiravas sempre tão bem, mesmo quando se passavam dias sem tomares banho. Se calhar, até nisso me vais desiludir e saís-me uma daquelas criaturas incorruptas, de cadáver inalterado, com aquela frescura recém-falecida, de quem acaba desportivamente de tomar cento e vinte barbitúricos, incorrupta e coberta de chuva de cemitério.

Se fosse por tua vontade, estarias de robe, com o teu robe lilás, de camarim, de encantadora de serpentes, com que te arrastavas pela casa, sempre a adiar a hora do banho, bolsos cheios dum sortido de lenços de papel e números de telefone, com as tuas pantufas de texugo felpudo que só tu achavas que não cheiravam a queijo velho. Mas enterraram-te vestida de menina bonita, como se fosses para uma festa, com o teu sorriso sonso, que eu na altura achei tão sincero, com as mãos dobradas sobre o peito. Agora imagino-as a esconder uma pequena bomba, activada pela primeira pazada de terra que te caísse no caixão, para morrermos todos contigo, sem preparação ou merecimento.

«Adoro matar animais de todas as espécies.» Era o género de frase que me apaixonava. Uma vez estávamos a jantar e disseste: «Se pudesse, matava um panda». «Como?» «Matava-o com uma pedrada.» «O que é que tu tens contra os pandas?» «Odeio animais amorosos.» Pensei que estivesses a defender os animais que não têm a sorte de ser giros ou de estar à beira da extinção, que vivem em condições atrozes, sem serem tema de documentários ingleses ou logotipos de organizações mundiais. Como frangos. Pensei que a tua atitude contra tigres era uma cruzada a favor das ratazanas. Mas enganaste-me.

Um dia atravessou-se um rato à nossa frente e tu gritaste: «Mata-o! Mata-o!». Eu peguei num pau de vassoura e respondi: «Aproveita, Teresa! Mata-o tu!». Tu olhaste-me com desprezo: «Tenho nojo». Enquanto eu matava o pobre animal, com a minha habitual compaixão e inépcia, que tanto prolongam o sofrimento, enterneci-me com o teu temor e disse: «Tu não eras capaz de matar nada».

Passada uma hora, atropelaste um gato de propósito e disseste, triunfante: «Estás a ver?». E acrescentaste, ante a minha cara branca: «Para se matar um bicho ele tem de ser minimamente fofinho. Os animais que não são fofinhos são portadores de doenças horríveis».

Nunca houve nada como o amor para nos ajudar a ver o mal. O amor é o antídoto da cenoura. Eu sempre te vi como uma rapariga encantadora. Tudo o que fazias tinha de ser forçosamente encantador. Por muito bruta que fosses, parecia-me sempre uma forma radical de encanto. Mesmo quando teimavas numa manifesta estupidez, eu cansava a cabeça até arranjar maneira de te dar razão. Achava que toda a gente te atacava injustamente. Parecias-me incompatível com a injustiça.

Gozavam comigo, mas eu gostava de ser assim. Tinha a mania da lealdade. A bem ver, depois de tudo o que descobri a teu respeito desde que morreste, era apenas mais uma maneira de tentar agradecer-te. Que tu detestavas. «Não preciso que me defendam!», gritavas sempre, como se eu te defendesse só por tu precisares. Como eras má. Má. Ingrata, caprichosa, cruel e má. Trataste-me como não se trata – pode dizer-se – um cão. Contigo a comparação ganha nova força.

Só te pedi, ao longo dos anos que passámos juntos, uma única coisa: que me disseses sempre a verdade. Podias ir e vir quando e

como te apetecia, correr atrás de quem quisesse, roubar-me dinheiro, afastar-me dos meus amigos, fazer cenas no meu trabalho, chamar-me todos os nomes. Não gostava, mas aceitava tudo, desde que não me mentisses. Porque é que uma pessoa que pode fazer todas as maldades que lhe vêm à cabeça, com impunidade e protecção constantes, precisa, para além disso, de mentir? Não percebo. Nunca hei-de perceber.

Que coisa verifico eu que mais fizeste enquanto estivemos juntos – muito mais que estragar-me a vida? Mentir-me. Mentir-me sem razão. Mentir-me sem medo de ser apanhada. Mentir-me acerca das tuas próprias mentiras. E porquê? Porque gostavas de mentir? Não. Mentias só porque eu te tinha pedido para não me mentires. Custava-me, mas lá conseguias. Esforçavas-te para contrariar a tua fraqueza, tal era a vontade de me enganar e desiludir.

«Posso ser má, mas sou sincera...» Estavas sempre a dizer isto. E eu acreditava, claro. Era o que dizia toda a gente. Eu respondia que tu não eras má, mas só mazinha; que achavas graça à ideia de seres malvada, mas pouco mais. Achava-te encantadora, em boa verdade.

Mentiste-me quando disseste que não tinhas filhos. Mentiste-me quando disseste que tinha sido o Manuel que me roubou a minha colecção de primeiras edições. Mentiste-me quando disseste que os teus pais tinham morrido num desastre de automóvel. Mentiste-me até quando me disseste que a tua cor favorita era o azul. Não te bastava estragares-me a vida pelas vias normais, separando-me de tudo o que eu gostava – do meu filho, dos meus amigos de infância, dos meus discos de jazz, do meu amor-próprio, do barco, da ginástica – e aliciando-me a fazer todas as coisas que não me

atraíam nada – como fumar charros, ver televisão, comprar mobília, comer chocolate e apanhar bebedeiras enormes antes de almoçar. Tinhas também de me dar cabo da cabeça, trocando-lhe as poucas voltas que lhe restavam, nesse dia distante em que te conheci.

Tinhas de me mentir, para eu nunca saber nada, julgando que sabia; fazendo de mim um parvo para além de toda a estupidez possível, como não consente a sociedade humana.

Se te matasse, matava-te sinceramente. Não sei de que maneira faria, para que não tirasses daí qualquer satisfação. Se calhar, teria de ser pelas costas, para não saberes que era eu. Se soubesses, eras capaz de te rir que nem uma perdida, até ao último suspiro, fazendo pouco da minha vingança, que certamente acharias pífia e desinteressante, má como tu eras, com uma capacidade infinita para magoar.

Provavelmente assassinar-te-ia à distância, com uma carabina provida de mira telescópica: Pum! Toma! Era o melhor. Só de te ver virar o teu pescoço comprido, o mais lindo da história da humanidade, para tentar descortinar a identidade do teu assassino e falhares miseravelmente, caindo na calçada com a força a esvaír-se depressa de mais para alvitrares um palpite ou pronunciar umas últimas palavras maldosas e inteligentes a respeito do mundo – o prazer que isso me daria!

Valeria a pena passar o resto da vida lavado em lágrimas só para assistir a esse pequeno espetáculo de desorientação da tua parte – tu que sempre soubeste a quantas andavas, mesmo quando estavas de gatas, bêbada de cerveja preta e rum madeirense, a cantar canções alemãs da 2.^a Guerra, como fazias quando me querias engatar. Se eu me recusasse a ir para a cama contigo, gatinhavas

direitinha para a porta, entravas no teu carro e arrancavas para tua casa, sem jamais te enganares no caminho. Má.

Tentasses tu orientar-te com uma bala plantada na nuca! É pena já não estares aqui para tentar. Tenho tanto medo de ti que não me admirava que conseguisses – como naqueles filmes de terror em que o herói passa as três últimas bobinas com uma adaga enfiada num ventrículo, pondo a vida em ordem antes de tombar inerte sobre a campa da amante.

Desde que morreste e comecei a saber coisas acerca de ti que nunca me tinham passado pela cabeça, o meu medo de ti aumentou substancialmente, como podes imaginar – não me admirava nada que pudesses voltar e vingares-te dos meus pensamentos.

Se soubesses como me senti quando fiz batota e não engoli os comprimidos...! Um verme. Chamaste-me muitas vezes verme, mas nunca me tinha sentido um. Via-te desfalecer ao meu lado, a noiva do nosso lindíssimo duplo suicídio, e sentia-me tão culpado que sofri muito mais do que tu. A cabeça estalava-me, o peito parecia rebentar. Pensei que ainda ia morrer duma paragem cardíaca. Imagine-se a vergonha: um duplo suicídio em que ela morre com cento e vinte comprimidos e ele de enfarte do miocárdio. A falta de simetria. Onde estaria o romantismo?

Ainda engoli alguns comprimidos antes de adormeceres. Depois cuspi-os para o chão. Mas não eram barbitúricos – eram parecidos. Salvo erro, anti-alérgicos. Deram-me cabo do estômago. Mas eu nem sentia o estômago. Tinha o coração partido a olhar para ti. Tentei acordar-te, levar-te para um hospital, mas já estavas inconsciente e, para além disso, tive medo de te contrariar. Nunca mais me falavas. Perdias logo o pouco amor que me tinhas. Imaginava a tua

cara furibunda por estares a fazer figura de adolescente apaixonada, numa enfermaria pública ainda por cima. Deixei-me estar ali na cama, ao teu lado, a ver-te morrer e a pensar no que ia fazer à minha vida contigo morta.

Bons tempos.